



AFFONSO CELSO JUNIOR

TÉLAS SONANTES

1877—1878.

S. PAULO.

TYP. DE JORGE SCECKLER, RUA DIREITA N. 15

1879.

112/47



32922 d.
1947

A0



9.166
58



VL 4,
1972/47

AO TALENTO, AO CARACTER E AO CORAÇÃO,

ISTO E',

Ào Illm. Sr. Dr. Magalhães Castro

Publico estes versos, — compostos á lei da inspiração momentanea, — sem o mais leve vislumbre de pretenções litterarias. Bani d'elles o exclusivismo subjectivo.

Si agradarem, pôde ser que eu continue a cultivar, nos meus lazeres isolados, « a Poesia grande e sancta, — a Poesia como eu a comprehendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir ».

« O publico os julgará, direi ainda como Gonçalves Dias: « Tanto melhor si elle os despreza, porque o auctor interessa em acabar com essa desgraçada vida, que se diz de Poeta. »

S. Paulo, 29 de Março de 1879-

— 969 —



A FLAUTA

A ALBERTO DE OLIVEIRA

I

De noite, aquelles sons de musica em distancia
Tinham a ideal fragrancia
D'um coração de bardo em afflicções premido:
— Era um rijo operario, um paria, que á miseria
Na flauta procurava um momentaneo olvido.

Tinha uma filha o triste. Apparição etherea,
Da infancia em pleno Abril, o canto merencorio,
Ao pae ouvia, e, incauta,
Poisando-lhe no hombro o rosto seu marmoreo,
Esperava do somno o balsamo illusorio
Aos sons do yago anceio harmonico da flauta.

Talvez aquella voz de placidez tão doce,
Como um threno infantil que limpido se esvae,
Da fallecida mãe recordação lhe fôsse
E d'ella lhe trouxesse o anhelito de um ai...
Por isso, quanta vez em lagrimas furtivas
Su'alma desatou-se,
Na hora em que mais vivas
Soluçavam-lhe em torno as musicas do pae!

Viviam todos dous n'um misero agasalho :
— Elle sahia cedo á busca do trabalho,
Quando albôres havia apenas da manhã ;
Voltava quando a luz, no extremo arranco, ardia,
Trazendo a refeição ascética do dia
E o cansaço cruel do seu continuo afan.

O dia inteiro alli, na sordida mansarda,
Passava a filha a sós ;
Mas quem não crê, dizei, n'um anjo bom da guarda
Que o passo á infancia ampara e vela sobre nós ? !

Depois, fallava a flauta e aquella triste vida
Entornava expansões em musica sentida,
Até que, a pouco e pouco, as palpitantes notas
Iam levando aos dous a ideia além... além...

A's regiões remotas
Onde esplende a mansão phantastica do bem.

A filha adormecia á vibração sonóra...
Findava o pai seu canto, ao contemplal-a assim :
— Ella ia descançar até romper a aurora,
E o sonho é nau de prata em mares de rubim.

Então elle, ao guardar o languido instrumento,
Beijava-o com unção, porque dos tons subtils
Provinha-lhe um condão que, ao menos um momento,
Tornava-lhe da filha o coração feliz.

Era-lhes, pois, bem negra a vida humilde e casta,
Vida que o proletario em toda a parte arrasta
No turbido estertor de um lugubre declivio ;
E, ao menos, este á voz da companheira antiga,
Da flauta, a boa amiga,
Nas privações fruia estimulante allivio.

Quando, da sorte ingrata ao louco paroxismo,
Puxava-o a attracção ao fundo desse abysmo,
Onde a demencia habita e o desespero é rei,
De noite, os tons da flauta
Pareciam bradar-lhe: avante! ao forte nauta
Desdem instiga o pégo e a tempestade é lei!!..

II

Chegou, porém, o inverno. O lancinante frio
Trouxe um cortejo atróz de males e granizos:
— Fóra, o céu tinha um ar prostrado e doentio,
Murchavam dentro, á mingua, os prazenteiros risos.

O proletario andava atrabiliario e mudo:
Dir-se-hia estar tambem seu coração transido;
Sucumbiu-lhe o denôdo e, espedaçado o escudo,
Ficou-lhe o torvo esgar do luctador batido.

Faltava-lhe o trabalho. Andava á lei da sorte.
Na inercia que arrefenta o musculo mais forte,
Jazia quedo o braço e não lhe dava o pão:
E á noite, quando á flauta as maguas confiava,
Irrompiam-lhe os ais do peito, como a lava,
Que, fervendo, rebenta em convulsivo chão.

Veio, por fim, a fome asperrima. A creança
Gemia semi-núa:
Havia tal pallor na sua face mansa
De até metter inveja á pallidez da lua.

Quando o pae recolhendo exhausto, por ventura,
Ia beijar-lhe a testa,
Gelava os labios seus essa friez funesta
Que lembra a sepultura.

Da flauta, entanto, amava ainda os ternos canticos:
— Os sons, os olhos seus nostalgicos, profundos,
Pareciam roubar, em extasis romanticos,
Um lume estranho ao sol de imaginarios mundos.

Dois olhos lhe fugia o sonho, e, a horas mortas,
Quando o vento a gemer como um mendigo, ás portas,
Implorava,—quem sabe?—esmolas ideaes,
Ella, do pae ao lado,
Pedia, ao vél-o mudo, exanime, vergado,
Que descançasse um pouco e lhe tocasse mais.

De uma candeia a luz chorava um lume baço,
De crepes envolvendo ao quarto o desalinho,
E tremula, a canção ia vingando o espaço,
Como ave que, com medo, á noite sahe do ninho.

A creança escutava... Angelica alegria
Banhava-lhe as feições de um mystico prazer;
— Não se lembra a triste, então, que no outro dia
Não tinha o que comer!?

A carestia, enfim, tão rude entrou no asylo
Que foi preciso ao pae ir empenhando aquillo
Que lhe era mais custoso e menos necessario;
Saiia occultamente, ao despontar da aurora,
E tremendo, pedia á casa da penhora
O que á filha dizia ainda ser salario.

Depois, punha-se a andar, monotonio, sombrio,
Qual diante do juiz o vil que o crime esconde;
Quem o via passar, chamava-o de vadio,
Buscava trabalhar, nem já sabendo aonde,

Voltava á casa
A porta refugia
— Depois, tra...
Quem amnhesia

No entanto
Sentiam-se n...
— Já muita

Tornava-se a...
Nas devidas

Pesava no tr...
No carcere

Ia afogar se

Empenharia...
Velava a se...
E a flauta in...
Na mansida

Quando de...
Elle um dia...
Regressou...
Mas entre a

E, como elle...
Desfaz-se-lhe...
Alvoreceu

Voltava à casa, tarde. A filha dava algente
A parca refúgio de um improbo labir;—
Depois, tomava a flauta: era ella a confidente
Que conhecia só como o minava a dor!..

III

No entanto com furor recrudescia o Inverno..
Sentiam-se no vento os halitos do Inferno...
—Já muita vez, do norte à gelida risada,
—Em aflições nem nome,
Torcêra-se a creança exangue, alucinada,
Nas doidas convulsões hystericas da fome.

Pesava no tugurio o ar lethal que existe
No carcere fatal d'um condenado à morte;
Mas inda a flauta triste
Ia afogar seus tons no rebramir do norte.

Empenhou-se tudo. A treva horrenda e muda
Velava a sordidez e as contorsões da face;
E a flauta inda a tocar... Talvez nos céus mandasse,
Na mansidão mentida, uma ironia aguda!..

IV

Quando de mais tornou-se ao pobre este tormento,
Eis um dia saiu da ventania ao som;
Regressou logo após, mais triste e macilento,
Mas entre-aberto o labio em riso ameno e bom.

Folgou a filha no vél-o,
E, como elle trazia um optimo jantar,
Desfez-se-lhe de prompto o mortuário gelo,
Alvoreceu de novo um sol no seu olhar.

No ondulante existir volvel de criança,
Depressa ella olvidou o percorrido transe ;
Refeita, só ficou-lhe a pallida lembrança
Que deixa a folha má d'um tragicó romance.

Pôz-se então a fallar, com saltitantes trinos,
Dizendo : « eu quero ter satisfação completa ;
Vem, pois, tocar-me, pae, na flauta um desses hymnos
Que fazem-me entrevêr uma mansão dilecta.

« A flauta... como é boa, ó pae, como eu a quero...
E como minha irmã... Estimo-a tanto... tanto...
Que até... » Porém o pae ficára tão severo
Que quasi fez de novo o olhar nadar-lhe em pranto.

« A flauta, onde é que está? vae vél-e e toca um pouco,—
Murmurou ella ainda, — um canto ameno e brando,
Vamos... » Mas elle ergueu-se extenuado, louco,
E lhe bradou chorando :
« Oh ! não me falles d'ella ;
A triste hoje entoou sua canção mais bella
E... foi jazer além !... »

E como ella insistisse, em tom soturno e rouco,
Tornou-lhe soluçando :
« Tinhas-lhe amor de irmã... não é assim ? pois bem :
— E' tão cruel a trilha
Da vida atroz e vã,
Que, para conservar a tua vida, ó filha.
Vendi hoje a um mercante a tua casta irmã ! !... »

Dezembro—1878.

CATAGUAZES.

QUADRO BIBLICO

A ZEFERINO DE FARIA FILHO

Da turba amotinada estruge a infrene grita :
— Persegue uma mulher que corre e fóge afflita.

A retumbante voz da humana tempestade
Suffóca os tenues sons á voz da caridade.

Da triste a côma esparsa agita-se e fluctúa ;
— Parece uma aza negra ; açoita a espadoa núa.

O orvalho do cansaço aljofra-lhe o semblante ;
Arqueja em peito arfado o alento agonisante.

Dissereis contemplando o vulto desvairado,
Que a estatua do pavôr havia se animado.

As linhas do seu rosto a angustia contrahia,
Ostentando os signaes das garras da agonia.

Por vezes, um momento, exausta ella descança :
— Detem-se, volve o olhar e segue : — a turba avança !...

Mas, sulito, na estrada, o Christo eil-a que avista ;
— Ao vê-lo regagueja um brado que contrista.

Unindo as debeis mãos, com supplicante gesto,
Do Nazareno aos pés arroja o corpo infesto.

Se agrupa a turba em róda; alteia a ingente falla:
« Adultera, infiel; deixai apedrejal-a!... »

« Deixai apedrejal-a, assim a lei prescreve! »—
Jesus, sem responder, no chão de manso escreve.

« A pedra lhe arremesse, enfim diz socegado,
Primeiro quem de vós se julgue sem peccado. »

Movido pelo espanto, o povo se dispersa;
—Eis a culpada a sós na immensa magoa immersa.

« Mulher, não peques mais, diz Christo, em voz serena,
Pódes seguir, em paz: ninguem, vê, te condemna. »

—
E ao som da meiga voz angustia dolorida
Mostrou-se no semblante altivo á multidão!...
—Baixou humilde o olhar:—chorava arrependida
Não diante do castigo, em face do perdão.

S. Paulo—Julho—1877.

ESBOÇO

A GASPAR DA SILVA

I

Descêra o panno. O drama .
Accendera febril no intimo das almas
Do enthusiasmo a chamma.
—Fôra ardente e brutal o derradeiro arranco ;
Da multidão o aplauso arrebentára franco
N'uma doida explosão phrenetica de palmas.

A funda commoção, a pallidez violenta,
Haviam transtornado as linhas regulares
Da joven opulenta
Ao rosto encantador :
Indeciso oscillava o medo em seus olhares,
N'ums mysticos assombrros,
E a breve mão que a capa accomodava aos hombros
Trahia as contracções nervosas do tremôr.

No emtanto era bizarro
Da phantastica peça o imaginoso enredo ;
Mas, sensivel, a dama estava impressionada,
E, cheia inda de medo,
Tremendo entrou no carro
Que rapido rolou nas pedras da calçada.

II

Chegou á casa. A' porta,
D'ella achava-se á espera um servidor antigo
De pé, junto ao portal:
— Passára a commoção; de sonno estava morta;
No leito, em quente abrigo,
Urgia-lhe transpôr do sonno o doce umbral.

Mas o servo que tem? a moça, quando apeia,
Vê-lhe o rosto senil com pallidez atroz:
— Que tem?... Seu peito anceia...
— Que tem?... Treme-lhe a voz...

Dias antes, ai delle! o filho que enfermára,
Em misero casebre,
— Nos delirios crueis de prostradora febre,
De tarde agonisára.

E o pobre pae, flet á obrigação que tinha
De á senhora esperar a volta em hora incerta,
Alli ficado havia,
Deixando o filho, além, na casa, então deserta,
A estorcer-se talvez, da morte já vizinha.
Nos espasmos lethaes da livida agonia!!...

III

A moça que, do paleo ao drama imaginario,
Havia arfado tanto,
Soube reter o pranto
Perante o drama vivo, honrado e solitario!
— Soltou um ah! de gelo, e, como a olhasse o velho,

Pedindo-lhe talvez no transe algum conselho,
Disse, com abandono,
De indifferença cheia,
— Que podia ir velar ao filho o extremo somno,
Mas que fosse primeiro á mesa pôr a ceia!!..

S. Paulo.—Marco—1878.

NOIVADO

A. J. M. DE ANDRADE FIGUEIRA

I

Da egreja na extensa nave
Ledo o cortejo se estende:
—Em todo o rosto, suave,
Meiga alegria resplende.
Repica o sino. No espaço
Pendura a noite pingentes
Como faceiro atavio;
E as trévas soltam-se a passo
Tal como as franjas pendentes
D'um reposteiro sombrio.

Envolta em véos de noivado
A moça do noivo ao lado,

Em scisma incerta revoa
Do regosijo ao temor;
E o moço, ao ver-lhe a coroa,
Que cinge á coma os negrumes
Quasi que sente ciumes
Dos aconchegos da flor.

II

Abrem os olhos os cirios,
Vóga a malicia nos ares;
A noiva deita uns olhares
Que põem o noivo em delírios.

O padre enfim se aproxima
Latinas rezas murmura,
E, pondo a estóla por cima,
Nas suas as mãos segura
Do par ancioso e contricto:
—A da noiva prende o moço
E ella em doce alvoroço
Repete as phrases do rito.

Chega-se a turba ao altar
Para á porfia saudar
Do par ditoso o futuro:
Sómente n'um canto, occulto,
Sinistro, immovel, escuro,
Fica de pé negro vulto...

III

—Ouve-se alguém soluçar!...

IV

Soam vivos comprimentos;
O noivo, louco, fremente,
Pôde abraçar finalmente
O sol dos sens pensamentos...

Folgæ, creanças, folgæ:
Quanta doirada promessa,
Cedo morta no passado,

No ex
Nasce
—A
Gozar
Folge

E tra
Na t
Só u
Que
Da j
Cea

Era
Dos

Dent
Havi
Que
Come

Mas,
Na r
Algú
E, in
O vu
Para

S. Paulo.—

No existir que hoje começa
Nascer-vos risonha vae!..
—A vida murcha depressa:
Gozai, pois, vosso noivado
Folgaes, crianças, folgaes!

V

E' tarde... Ha muito da festa
Na tréva o brilho afogou-se.
Só uma luz peregrina,
Que em zelos talvez se mova,
Da janella pela fresta
Coa um iuar calmo e doce...

Era a luz da lamparina
Dos desposados na alcova...

Dentro, na paz do descânço,
Havia um tenue rumor,
Que silvava manso... manso...
Como um segredo de amor.

Mas, ai! n'essa hora encantada,
Na rua, sobre a calçada,
Alguem jazia de bruços...
E, inerte, como na egreja
O vulto negro,—forceja
Para abafar uns soluços!...

S. Paulo.—Agosto—1878.

—460-310-00—

SCENA VULGAR

A. F. C. DE ARAUJO BRUSQUE

I

Da convulsiva tosse o flaccido estalido
Soava sem cessar. Dissereis o rangido
Da porta do sepulchro aberta a pouco e pouco
Ou do abutre da morte o grito arfado e rouco,
N'um peito doentio a gaguejar molesto,
Pois o monstro fizera ahi seu ninho infesto.

Os olhares da mãe, desertos de esperança,
Envolviam, no collo, a livida creança
Cujos olhos febris, mais negros do que os luctos
Que iam breve causar, luziam impollutos
Já da luz ideal do céu que os reclamava...
—De quando em quando a triste o rosto lhes voltava
Para os prantos limpar, e, após, ao desgraçado
Simulava um sorrir de lagrimas pejado,
Como um raio do sol coado entre neblinas;
E, com tremula voz, historias peregrinas
Ensaiava contar.—Porém o exhausto infante
Nada ouvia a tossir, em ancas arquejante...
—Então, em doce gesto implorador, pedia

Que não tossisse mais; mas elleinda tossia,
Encostando-lhe ao peito o rosto doentio,
Banhado de um suor, como o sepulchro, frio...
E, soluçava ahi, mas vendo-o tão pendido,
Mostrava-lhe de novo o calmo rir mentido...
— Em desespero, após, nos braços convulsivos,
O apertava, o apertava em mil transportes vivos,
Como para impedir a morte de leval-o:
E, depois, a offegar d'aquelle immenso abalo,
A cantiga infantil que outr'ora o adormecera,
Inclinada a beijar-lhe o rosto côr de cêra,
Cantava-lhe baixinho...

Ai! tudo era baldado,
Volvendo-lhe indeciso o olhar meio empanado,
A creança tossia, ainda, ainda... ainda...
Com os sons de um relogio ao qual a corda finda.

II

Mas eis que longe e branda e paulatinamente,
Aos poucos se achegando, ouviu-se de repente,
Como um brado agoureiro, a voz de um realejo...
Ao ouvil-o, passou a sombra de um desejo
No quasi extinto olhar do agonisante archanjo:
Seu rosto se animou.—Compoz o desarranjo
Das vestes infieis. Depois, tremulo, incerto,
Procurou levantar-se. Então já muito perto
A musica tocava. A mãe, cheia de medo,
Não o vendo tossir, sorriu um riso ledo
E, lenta, o carregou á frisa da janella,
D'onde melhor ouvisse a musica singella.
Ahi, meiga, encostou-lhe, entre prazer e assombro,
A mimosa cabeça ao seu macio hombro.
E, após, fez um signal de alegre chamamento
Com a gélida mão, viuva já de alento,
Que fez sorrir o infante.—O tocador parava
Um momento depois, á porta. Se agrupava
A turba em derredor...

Aos sons
A creança fechou
Seu manso respiro
Pareceu ir do sono
Satisfeita a entrara
Um doce bem espirrava
Vergado em lanço
E, em extasis tam
Voavam-lhes em
Como um bando de
Trinando em pa...
Mas ei...
Com treda livida
Num desespero
A chorar, abraçava
E um rosto sem
Sacudio-o, gritava
Gemendo, soluçava
E tudo...
Que ella beijava
Tambem puzera...
— A creança m...
E su'alma ao e...
Subira com os...

No entanto, o...
De prompto re...
Dispersando o...
— Então, ergue...
Em quanto a mi...
Com grosseira...
Côrte.

III

Aos sons indefinidos,
A creança fechou os olhos abatidos:
Seu manso respirar tornou-se inda mais brando.
Pareceu ir do sonno ao collo se abrigando,
Satisfeita a entrever um sonho feiticeiro...
Um doce bem estar banhou-lhe o corpo inteiro,
Vergado em languidez de placido quebranto;
E, em extasis tambem, a mãe ouvia, enquanto
Voavam-lhes em torno os meigos sons suaves,
Como um bando ideal de prazenteiras aves
Trinando em paz...

Mas eis que estruge horrendo grito:
Com treda lividez a mãe ao peito afflito,
N'um desespero atroz, com ar allucinado,
A chorar, abraçava um corpo inanimado
E um rosto sem calor beijava, insana, ardente,
Sacudio-o, gritava, em estos, doidamente,
Gemendo, soluçando...

E tudo em vão: na face
Que ella beijava, agora, e antes que a beijasse,
Tambem puzera a morte o seu funereo beijo...

—A creança morrêra á voz do brando arpejo,
E su'alma ao espaço, em doce companhia,
Subira com os sons da terna melodia...

IV

No entanto, o tocador, não vendo-os á janella,
De prompto retirou a mão da manivella,
Dispersando o seu gesto os grupos ajuntados...

—Então, erguendo a voz com insolentes brados,
Emquanto a mãe convulsa o filho morto affaga,
Com grosseira rudez, gritando, exige a paga!!...

Côrte.

QUADRO BIBLICO

A ESTEVÃO LEÃO BOURROUL

Rugára-se d'El-Rei a larga fronte augusta,
E o seu turbado aspecto os cortesãos assusta:

Quem foi o causador do desprazer qu'invade-o?
— Culpado entréga o collo, algoz prepara o gladio!..

Quem foi? e a medo, a turba em ancias se interroga,
Emquanto o olhar d'El-Rei em fluidos máus se afoga.

Quem foi?.. quem foi?.. ninguem: irado El-Rei se mostra,
Porque tristeza estranha o agarra e enlaça e prostra.

E' noite em seu pensar, é noite agreste e erma,
Sem astros, sem luar: su'alma acha-se enferma.

Não lhe desbrocha o riso em distracção alguma;
Taeteia a ideia escura em luctuosa bruma.

De balde o chama o gozo, em vão lhe acena a réza;
A vida faz-lhe raiva, o sceptro é vil e péza.

Fareja ancoso um riso: é forte, é rei, é nobre,
E grande, pôde tudo e, entanto, o não descobre.

Quer resistir do tédio ao lancinante frio
E nada pôde achar: d'ahi seu ar sombrio.

Nada... busca outra vez... aí! nada... Mas, de brando,
Eis que uns tremulos sons aos poucos vão toando.

Era uma melodia amena, alva, impolluta,
De rythmo suave: El-Rei detem-se e a escuta.

Em gradual cadencia as palpitantes notas,
Vão subindo, subindo ás regiões remotas.

El-Rei ouve, e, attento á consonancia vaga,
Do olhar a chamma irosa a pouco e pouco apaga.

Na fronte lentamente a ruga lhe desfaz-se,
Emquanto um riso bom, de manso, alegre nasce.

Sereno o arpejo segue e, ao limpid compasso,
El-Rei a se alegrar já vae traço por traço.

E, emfim, ao sopro ideal da viração sonora
Faz-lhe inteira explosão a prazenteira aurora.

De todo fôge a névoa: é placido o abandono!
— Nos braços da alegria olvida a angustia atroz:
E aquillo que não poude o ouro a gloria, o throno,
De prompto o conseguiu de uma harpa a débil voz.

S. Paulo.—Março—1878

ESMOLA DOS MORTOS

A ARTHUR BARREIROS

—Foi na quadra infernal da grande epidemia.

Morrera ao pobre cégo—o companheiro e guia,
E ás tontas elle andava...

Um dia foi parar,
Perdido não sei como, em ermo tumular,
E, sem saber que estava em pleno cemiterio,
Poz-se a invocar, a sós, da caridade o imperio
Para que alguem á casa o conduzisse. Mas,
Como éra de suppôr, ninguem, na eterna paz,
Lhe pôude dar resposta... E o triste repetia,
Entrecortada a voz de arquejos de agonia,
A's campas de em redor:

« Oh! tende compaixão!
E' um velho cégo e enfermo: é um misero ancião
Que anceia ir-se d'aqui... livrai-o do perigo
E em vosso lar, por Deus, emfim lhe dai abrigo!...

—Não sei se foi ouvido... Um dia após, porém,
Com o corpo de um cégo ahi topou alguem!...

Côrte—Novembro—1878.

DOR INFANTIL

A GUSTAVO FONTOURA

I

« Dormir, Mamãi, eu quero
E o berço não balanças ;
Já todas as crianças
Dormindo, ha muito, estão :
Só eu debalde espero
De medo e sonno cheio...
—Foi grande o tal passeio
Que deu o meu irmão!..

« Coitado! Tão doente,
Dormio hontem sereno
E o corpo seu pequeno
Levado foi então ;
Chorava toda a gente,
Mas, se eu o olhava afflichto,
Diziam : que bonito,
Socega o ten irmão !

« O ingrato fol-se embora
E nem fallou commigo,
Ea son tão seu amigo
E espero... espero... em vão;
Porque tanta demora?
Sem elle triste eu vivo;
Mamãi, porque motivo
Não volta meu irmão?] »

II

E a māi, ouvindo aquillo,
Silente ia chorando
N'um impeto o apertando
De encontro ao coração:
Mas elle, já tranquillo,
No instante após dormia,
E, em sonhos bons sorria,
Quem sabe? ao seu irmão!..

S. Paulo—Agosto—1877



QUADRO BIBLICO

A EDUARDO FIGUEIRA DE AGUIAR

No corpo de Suzana a lympha da corrente
Era oscila-se tremendo e em osculo fremente.

As ondas do regato, as ondas do cabello
Beijam a soluçar... Quem sabe se é de zelo?!

A vaga quer cubril-a: em volta se avoluma...
Qual vence na brancura: o corpo ou a nivea espuma?!

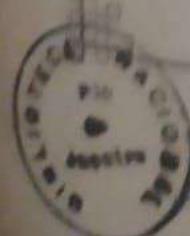
No collo alabastrino as aguas sussurrantes
Desatam um collar de gottas scintillantes.

Na fronte divinal esplendem diademas
De pingos cujo brilho excede finas gemmas.

No alveo do regato a aréa fina e clara
Cobre da hebréa o pé; faz bem: é rica e avara!

Se acaso a seductora o corpo seu mergulha,
O rio arfa e se alteia... então, triste, marulha.

Da bella israelita aos languidos sorrisos
Respondem do regato os palpitan tes frisos.



Mas ela que de repente, além, d'entre os palmares,
Lambem-lhe o corpo nô una lubricona olharea,

Medrosa ella estremece e, cheia de recejos,
Occulta com as mãos os pequeninos sejos,

Nas faces o rubor, levada pelo espanto,
Mergulha e, logo, a vaga envolve-a qual um manto.

Emfim, do banho sôe confusa, amedrontada,
Levando gottas mil na pelle assetinada.

Traduz-se em seu semblante um medo que contrista:
As vestes vao buscar da plaga entre os abrólhos:
—Julgando que não vêr tambem é não ser vista,
Enerusa as mãos no sejo e fecha os lindos olhos!

S. Paulo.

EM FAMILIA

A ARTHUR AZEVEDO

I

Grave entrei no salão. Cheio de enfado,
Comprimenta-me o pai;
A mãe sorri-se e com fingido agrado
Resmunga um—*como vai?*

II

A creança, soltando alegre brado,
Entre os meus braços cai,
E, curioso, olhando-me, o creado
Com tédio lento sâe.

III

E a filha?.. — Nada disse,
Curvou-se ao longe; mas se o pai ouvisse
Do nosso mudo olhar a enorme falla,

Por certo apresentará,
E com estreitas relações ligará...

IV

Meu pobre dorso — à rigida bengala!!...

S. Paulo — Agosto — 1878.

A T

Longe, so
Vergel da
Aos pés da
Tal como
Deitada na

Feita de
Vive a se
E terra
Onde a e
Onde gove

Ahi tudo
Bello con
— Brancas
Puras, co
As vidas

Ahi tudo
Ahi fez o
Grandezza
E ainda
Nas senda



A TERRA DOS VULCÕES

A MEU PAI

I

Longe, sob um azul que eterno o céu habita,
Vergel da natureza, — esplendida região,
Aos pés da velha Europa, estende-se, palpita,
Tal como n'um harém resona a favorita,
Deitada mollemente ás plantas do Sultão.

Feita de gloria e luz, olympica princeza,
Vive a scismar, sorrindo, envolta em languidez...
E terra do Vesuvio, é patria de Veneza,
Onde a crença domina e impera a morbideza,
Onde governa o padre e assalta o Calabrez.

Ahi tudo é febril, phantastico e ameno,
Bello como a illusão da mocidade em flor:
— Brancas, como o albornóz que veste o sarraceno,
Puras, como em um lyrio a gotta de sereno,
As vidas têm mais alma e as almas mais ardor.

Ahi tudo é divino, artistico, sublime;
Ahi fez o seu ninho a aguia do ideal;
Grandezza tudo encerra e gloria tudo exprime,
E ainda se divisa a pégada que imprime
Nas sendas da existencia o genio divinal.

Em cada pedra um nome, em cada nome um feito,
Em cada feito um rastro angelico de luz,
Em cada luz um sol symbolico, perfeito,
No espaço a rutilar, mais forte que o Direito,
Fulgente como as leis eternas de Jesus.

Ahi a doce Laura, a bella Fornarina,
A activa Eleonôr e a branca Beatriz
Bordaram a sorrir, com graça peregrina,
De uma existencia eterna á brisa matutina,
De pavilhão do amor o indomito matiz.

O cadaver immenso e inerte do passado
Que as larvas do olvidar não cessam de roer,
Da sciencia ao fulgor que anima o inanimado
E n'um choque fatal, galyanico, arrojado
Ahi, do pó funereo, altivo se ha de erguer.

Phantastico collar de preciosas gemmas
Que exorna á velha Europa o collo feminil,
Diamante colossal possue entre os emblemas,
Que por si só dá leis aos regios diademas;
E Roma sempre angusta e heroica e senhoril.

Area de tradições dos tempos no diluvio,
Do extinto resplendor ingente mansoleu,
—Ahi a inspiração esparge, em mar, o effuvio
E torvo, ameaçador, satanico o Vesuvio,
De fogo em turbilhões quer derribar o céu!

Lucta, e como não vinga os validos intentos,
Vendo que a lava é fraca,—irado, rubro, audaz,
Sacode a fundo — o sólo em surdos movimentos,
Derruba Pantheons,—destroça monumentos
Esfarpa-os, despedaça, esmaga-os e desfaz.

II

Bom sol que ao meu paiz transborda a claridade,
Que a Italia não inveja heroicas tradições,
Que é doce como a crença e o riso da bondade,
Grande como a sciencia e a voz da liberdade,
Vasto como a epopéa enorme de Camões.

Na emtanto si no scismar permitto que domine
Do meu viver escuro o vortice cruel:
Uma branda attracção que a mente não define,
Leva-me a meditar na patria de Rossini
Dos Borgias, de Colombo, Imperia e Raphael.

Então meu pensamento em extasis divaga,
Em gondola subtil mè julgo a deslizar,
E sinto uma impressão divina, estranha e vaga
Emquanto á luz da lna a onda beija a plaga
E a plaga empallidece aos beijos do luar...

S. Paulo.—Agosto—1877



A FELICIDADE

A FONTOURA XAVIER

I

No carro, ao vir da egreja, em intima expansão,
Do noivo a noiva ao pé, nas d'elle presa a mão,
Ia scismando assim :

« Que venturoso dia...
Meu sonho, eil-o afinal, ó céos! quanta alegria...
Quem é que hoje na terra é mais feliz do que eu?...»

II

—N'isso, o carro parou e o prestito cedeu
O passo, respeitoso, a um outro. Na janella
A moça debruçou-se e virginal capella,
Irmã da sua, o olhar ferio-lhe...

Era, porém,
No singello caixão d'um funerario trem!!...

Côrte.—Janeiro—1879.

QUADRO BIBLICO

A. J. A. DE OLIVEIRA SANTOS

O aspecto varonil do moço nazareno
Transpira a robustez que irrompe a cada aceno.

E chamma o seu olhar: em impetos serpeia:
O incendio do pavor nas almas rubro ateia.

A coma em ondas cár; mais densa que as neblinas
Tem o basto esplendor das comas leoninas.

Com ella brinca o vento e faz com que se estorça:
Semelha, fluetuante, á flammula da força.

Não ha garbo maior nos pavilhões guerreiros,
Quando, como a voar, desgrenham-se altaneiros.

Nas veias o vigor circula: o jacto espera,
Como a lava revel nos seios da cratera.

Ao vel-o, foge a turba, em lividos quebrantos,
Ouvindo o pio atroz dos mochos dos espantos.

Quem ha que lhe resista? olhai... eil-o convulso;
De fortaleza um mar rebenta no seu pulso,

Quem ha? alento herculeo o crâneo seu occupa...
O raio é seu irmão, rival a catadupa.

Quem ha? eil-o: que horror!.. quem ha? todos fugindo
Lá vão... mas, linda moça achega-se: vem rindo,

E' bella como o amor, é fragil como a infancia,
No entanto, ao vel-a, o heróe aos pés deita a arrogancia

Humilde, como a ovelha ao gesto da pastora,
Com timidez vae ter á jovem seductora.

Despio toda a altivez. Não mais gestos protervos...
Tem o incerto temor dos respeitosos servos.

A bella faz-lhe um gesto e tremulo e offegante
O heróe lhe estende as mãos com modo supplicante.

No collo seu, enfim, recosta a fronte mansa
Qual da māi no regaço a candida creança.

E a gotta d'agua o mar com timidez escuta;
Da briza a tenue voz medroso ouve o trovão;
Um riso abate um raio, á paz se humilha a lucta
E um sopro de Dalila escravo faz Samsão!!...

S. Paulo.—Agosto—1877.

LENTA DE ALDEIA

A ISAIAS DE ALMEIDA

Quando, alvejante, ao longe fluctuava
Niveo sendal da estrada entre os barrancos,
Todo o povo da aldeia murmurava
—Olhai a fada dos vestidos brancos.

Gostavam todos d'ella, e quando um dia
Deus a chamou ao céu, quantos gemidos!..
—Todo o povo da aldeia a conhecia
Pelo alvor sepulchral dos seus vestidos.

Branqueja em cova escura alvo sudario,
Se exhala o sino em funebres arrancos:
—Geme o povo da aldeia em tom nefario:
Morreu a fada—dos vestidos brancos.

O tempo, a perpassar, lembranças finda,
Factos recentes jazem esquecidos;
Mas o povo da aldeia—a lembra ainda
Pelo alvor sepulchral dos seus vestidos.

E quando agora, com fulgente alvura
Brinca o luar do monte pelos flancos,
Tremo o povo da aldeia e a sós murmura;
E ella... a fada dos vestidos brancos.

S. Paulo.—Junho—1876.

—260-30-000—

Havia
Tinha
E uma

Havia
Leve a
—Ao

Mas, a his
Tem sons
—Ambos t
P

S. Paulo

NOCTURNO

(PARAPHRASE)

I

Havia um velho rei: encanecida
Tinha a cabeça e exhausto o coração...
E uma linda mulher, cheia de vida,
Eis que esposa o ancião.

Havia um bello pagem: loiro, tinha
Leve a cabeça e o coração tambem:
—Ao vestido de seda da rainha
Elle a cauda sustém.

II

· · · · · · · · · · · ·

III

Mas, a historia é vulgar: sabeis-lhe o enredo,
Tem sons maviosos, tem sentidos ais;
—Ambos tiveram de morrer bem cedo
Por amarem de mais!...

S. Paulo.—Setembro—1877.

LENDAS DO CLAUSTRO

I

Soturno era o viver da pobre freira
No claustro merencorio e legendario:
Passara os dias da existencia inteira
Beijando a eburnea cruz do escapulario.

As pet'las lhe esfolhara da belleza
O rijo sopro dos simouns da sorte,
Nos crepes se embuçara da tristeza,
Passando a vida nos umbraes da morte.

Mas, quando soluçava nas arcadas
Do orgão da capella a melodia,
Brincava-lhe nas faces descoradas
Fugitivo clarão d'alma alegria.

E quando, apôs, na prece fervorosa
Os acordes bebia embevecida,
Tinha no rosto uma expressão ditosa,
Antecipada luz da etherea vida.

II

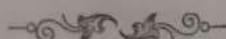
Um dia foi achada agonisante
Na cella sepulchral... quasi expirava,
Mas, mesmo assim, sorrindo, palpitante,
Os vagos sons longinquos escutava.

Depois... tocava ainda o instrumento
Quando a puzeram no sepulchro frio;
—Pallida e morta, seu ouvido attento,
Quem sabe inda escutava o tom sombrio?!...

III

E, quando agora o orgão da capella
Disfere o canto de pezar infindo,
Um echo estranho, na mudez da cella,
Gemendo, os lentos sons vai repetindo!!!

S. Paulo.—Agosto—1876.



POEMA DE TODOS NÓS

A ARTHUR DE OLIVEIRA

I

No meu peito se balança
Meu traquinas coração,
Como o berço em que a creança
Dorme aos sons de uma canção:

N'elle, envolto em scismas puras,
Jaz o amor a dormitar:
—Ai! que lindas travessuras
Quando alguem o despertar!

II

Era um dia um pobre cégo
Que vivia a mendigar,
Dos negrumes sobre o pégo,
Da miseria em pleno mar.

Mas alguem, com meigo trato,
Deu-lhe a luz... Que gratidão...
—Ama-a, pois, porquanto ingrato
Nunca foste, ó coração.

III

Quando as aves fugitivas
Vão do azul brotando á face,
Como esparsas flores vivas
D'um jardim que se animasse,

Sinto, ao velas tão canóras,
Do ciúme o acerbo espinho,
Pois que muitas tem seu ninho
Sobre a casa em que tu moras.

IV

«Hoje um moço (esta noticia
Veio, ha dias, n'um jornal)
—Foi retido na policia
Porque em si, tinha um punhal.»

O perigo de ser preza
Corres tu tambem... ó Deus!
—Se a policia, por surpresa,
Vir de perto os olhos teus.

V

Quando as moças vão á festa
Levam joias de valia:
Cada qual zelosa apresta
Mais fulgor, mais pedraria.

Mas do amor á festa ovante,
Sem pulseiras, sem collares,
Foi minh'alma a triumphante
Só levando os teus olhares.

VI

Quando alguém nos bate á porta,
Cumpre abrir logo á porfia:
— Não fazel-o é feio, e importa
N'uma atroz descortezia.

— Meu olhar te busca e entrada
No portal não se lhe deixa;
Venho, pois, fazer-te queixa
Da cortina indelicada.

VII

Todo o mundo diz que o dia
Com a noite alterna, e dura
Tanto tempo a treva escura
Como a luz que o sol radia.

Eu, porém, que, sem demoras,
Para ver-te instantes, lucto,
— Tenho noites de cem horas,
Tenho dias de um minuto!

VIII

No momento da partida
Por milagre eu não morri...
Si tu eras minha vida
Como, pois, viver sem ti?!

Hoje, á lei de dupla ausencia,
Sem cessar lembrando estou,
Não só tu, flor de innocencia,
Mas min'halma que ficou.

IX

Quem recebe em pleno peito
Flecha hervada,—embóra forte,
Logo em terra cae desfeito,
N'um momento o arrasta a mórt'e.

Eu, porem, luz que me abrazas,
Vi que tenho alento infindo,
Pois sorri-me até ouvindo
Que estás noiva e breve casas.

X

Houve um rei,—caso inaudito
Da legenda nos—annaes—
Que quiz ver, em vida, o rito
Dos seus proprios funeraes.

Sou plebeu, mas caprichoso
Vou além do grande rei,
Pois a dar mostras de gozo
Teu consorcio assistirei.

XI

Não te servem meus carinhos,
Teu desejo os de outro quiz;
Rasga, pois, em pedacinhos
Os cantares que eu te fiz.

Todos são na magua immersos;
Rasga-os, pois: licença eu dou...
—Faze o mesmo aos pobres versos
Que ao pensar que os alentou!

Côrte.—Novembro—1877.

Ao pé d'uma vidraça e
Lambendo com o olhar,
E os bordados subtils da
—Que explendida vitri
Na forma, na feição, ne
Era o sonhar em prata
Chiméras de coral, cap
Scismares de esmeralda
Um mimo tentador, um
De um conto oriental...

A creança lançava alto
Ao panorama e á māi,
Se o maternal amor na
Quanto desejo atroz ia
A eloquente mudez da
Os olhos embebêu, com
Dos lavôres da joia e
Tal como a mariposa a

A JOIA

A THEOPHILO DIAS

I

Ao pé d'uma vidraça estavam māi e filho,
Lambendo com o olhar, todo cubiça, o brilho
E os bordados subtils das joias de lavor...
—Que explendida *vitrine!* Excentrico primôr
Na forma, na feição, no cinzelado havia:
Era o sonhar em prata, em ouro a phantasia,
Chiméras de coral, caprichos de rubim,
Scismares de esmeralda e perolas; emfim
Um mimo tentador, uma visão tirada
De um conto oriental...

II

—Em extasis, pasmada,
A creança lançava alternativo olhar
Ao panorama e á māi, incerta, a interrogar
Se o maternal amor não entendera ainda
Quanto desejo atroz ia-lhe n'alma. Finda
A eloquente mudez da supplica, outra vez
Os olhos embebeu, com lenta maciez,
Dos lavôres da joia e morbida, attrahida,
Tal como a mariposa á lampada accendida,

Sentio a pouco e pouco ir-se tornando andaz...
—Resolven-se por fim e, sem conter-se mais,
N'um subitaneo arrojo, a voz erguendo, disse
N'uma falla de mel e celica meiguice
Em tom de imploração:

« Mamãi, vou-lhe pedir
Um immenso favôr...» — A māi poz-se a sorrir
E—dize—respondeu.—Mas faz? replicou elle
—Faço—Faz mesmo?—Sim...—« Pois bem não vê aquelle
Formoso camapheu que ali fulgindo está?
—Pois quero-o muito... e muito... e quem promette, dá
Por isso...» Mas a māi interrompeo-lhe a phrase,
Fitou-lhe o trajo roto e, soluçando quasi,
« Aquelle não, tornou, mas outro que tambem
E lindo e vale mais...» — Qual é?...
—Ora ahi tem:
E assentou-lhe na testa um prolongado beijo!...

III

A creanca entendeu... Sumiu-se lhe o desejo
E rindo retorquio:

«—Si assim tão rica está
Quero mais um collar e um adereço já»!!.

S. Paulo.—1879.

NA FAZENDA

A SEVERINO PRESTES

Dorme a fazenda. Uniformes
Com seu inclinado tecto,
Tem as senzallas o aspecto
D'um bando d'aves enormes.

Os cães, no pateo encoberto,
Repousam de orelha erguida:
—São como oasis de vida
Da escuridão no deserto.

De vagos tons a enfiada
Com o torpor lucta e vence-o:
—E' no burel d'ê silencio
Franja sonóra bordada.

A's vezes da porta estreita
Sae um chorar de creança,
Chamando a mäi que descança
Morta do affan da colheita.

Talvez o infantil assombro
Já lhe debuxe mais tarde:
—O eito emquanto o sol arde
E o peso da enxada ao hombro.

Os cães levantam-se a meio,
Geme a creança um momento
E, a pouco e pouco, em lamento
Se extingue o isolado anceio.

Ao longe o campo estendido
Tredo, com ar sobranceiro,
Lembra um prostrado guerreiro
Da cota d'armas vestido.

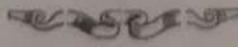
Ao lado reluz a linha
Da extensa, alvacenta estrada,
Tal como a folha da espada
Que lhe saltou da bainha.

E o disco da lua nova,
No lar azul das espheras,
De nuvens que lembram feras
Como um reptil sae da cóva:

—Ondula no espaço o fumo
D'algum incendio invisivel...
—Chóra a creança... Impassivel
Prosegue a noite em seu rumo.

Parahyba do Sul.

1878—Dezembro.



TRIBUTO ETERNO

A THOMAZ ALVES FILHO

I

Ao verte, hontem á noite, decotada,
Ao pallor do teu seio descoberto,
Senti-me tonto e da vertigem perto,
Com a vista indecisa e deslumbrada.

E, como em lactea fonte perfumada,
No seio a morbidez bebi-te incerto,
Com a sêde do filho do deserto
Que encontra emfim a lympha suspirada.

Já viste, á roda das nevadas flores,
Gyrando em turma insectos zumbidores?..
—Meus desejos então eram assim... .

Depois... fechei os olhos de repente
Lembrando que o olhar, de tão ardente,
Crestar podia a cutis de setim!..

II

Ella ás vezes nas rendas da mantilha,
Com a molle altivez das hespanholas,
Moldura o rosto branco e airosa trilha
Como a ouvir brandos sons de castanholas.

Reveste um ar que, nobre, maravilha,
Recorda o doce olôr d'alvas coróllas,
E muito orgulho, sei, então se humilha
Pedindo luz, como quem pede esmolas.

As franjas dão-lhe á face uns tons tremidos,
E os olhos, ai!—parecem dois bandidos,
Armados de punhaes de brilho ardente,

Que, negros, entre as moitas de erma estrada,
Com seus *sombreros*, ficam de emboscada
Para assaltar o coração da gente!!

III

Para exprimir-lhe a graça imaginaria
Fôra mister formassem aurea liga
A palheta, o cinzel e a fórmâ varia
Que surge vaga aos sons d'uma cantiga.

Fosse o seu ninho, pomba, a Grecia antiga
Seu templo, deusa, a Roma legendaria
E o seu primor guardara a estatuaria
E a crença—Venus lhe fizera amiga.

Que inspirações alli... quanto modelo
Mas ai! a execução sinto, ao dizer-o,
Cahira ante barreira não prevista;

Por quanto, no
Chórara o artis
Mas vira o ami

Encarei as esti
Que lavidas tre
Como um band
Saindo de uma

E disse: « lun
D'algum thron
Vinde: en qu
Dispersos ao

De vós que s
D'algum deus
Que a moral

Onde as cõrt
Rendam prei
A's graças i

Jaz meu an
Dorme a se
Verga-lhe o
E a voz da

Por quanto, no ver-lhe a forma inebriante,
Chorara o artista por lhe ser amante,
Mas vira o amante quanto é fraco o artista!

IV

Encarei as estrelas macilentes
Que lividamente tremiam nos espaços,
Como um bando de Imperias violentas
Saindo de uma orgia de devassos;

E disse: «luminosos estilhaços
Dalgum throno de fadas opulentas,
Vinde: eu quero ajuntar esses pedaços
Dispersos ao capricho das tormentas.

De vós que sós restais do vasto espolio
Dalgum deus que fallio farei um solio
Que a moral de Jesus mais deslumbrante,

Onde as côrtes do céu, entre mil bravos,
Rendam preitos, humildes como escravos,
A's graças infernaes da minh'amante.

V

.....
VI
Jaz meu amor n'um pelago sepulto,
Dorme a sonhar em morbido lethargo;
Verga-lhe o peito exhausto o peso amargo
E a voz das vagas tem-lhe uns tons de insulto...

Moço, eu lhe dera a febre do meu culto,
Crente, de erguel-o me impuzera o encargo,
E agora o abysmo é fundo, o abysmo é largo
E o meu amor no abysmo jaz oculto.

Quando, á flôr d'agoa, o triste a fronte empina,
Os astros vão, como aves de rapina,
Garras de luz nos flancos lhe fincar:

Pendem-lhe as fibras sem vigor, inermes,
E em roda as ondas fervem, como vermes,
Sobre um defunto, em ermo tumular!

Côrte—1878.

Era o templo
A valida rue
Onde a forna
Qual um nin

Bebiam n'ell
Que dava ac
—Que ás m
Como a alm

A' fulva luz
Rangia o fe
Erão vozes
Ovações de

No inanimad
Ageis esfor
E o homem
Como um re

A OFFICINA

A MARIO

I

Era o templo da industria onde imperava
A valida rudez que a força acclama;
Onde a fornalha, ao fundo, fervilhava
Qual um ninho de viboras de chamma.

Bebiam n'ella as machinas o alento
Que dava aos ferros, musculos e arteria,
—Que ás molas imprimia o movimento
Como a alma fecunda da materia.

A' fulva luz as rodas se moviam,
Rangia o ferro e retumbava o malho :
Erão vozes cyclopias: dir-se-hiam
Ovações de Titans ao deus—Trabalho !!!.

II

No inanimado em turbilhões ha vida,
Ageis esforços nas pesadas maças,
E o homem calmo assiste á enorme lida
Como um rei popular nas cheias praças.

Tem rijo aspecto e um ar tão sobranceiro
De quem cumpre um dever e um erro abate,
Que mais parece intrepido guerreiro
Inda a ofegar de asperrimo combate.

O malho vae, em golpes incessantes,
Batendo a dura chapa até que lustre-a :
Selta um collar de chispas fulgurantes
Que são estrellas para os céos da industria.

Dir-se-hia ouvindo o estrepito tremendo,
Que da justiça ao brado dos direitos,
Ruia emfim, n'um cataclysmo horrendo,
Toda a infernal legião dos preconceitos.

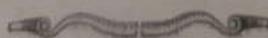
Estruge, certo, assim—a grita immensa
N'um feryido motim, de luz possesso,
Quando, heroico, ao luar de nova crença,
Sôa o clangor da tuba do progresso.

Os pincaros do céo fumaça escura
Mensageira, vingava: ia contando
A's officinas lucidas da altura
Que um mundo irmão, com ellas vae luctando...

III

Nos halitos da chamma o ardor havia
De uns calidos tufões de claridade :
—Era o calor que hade animar um dia
O corpo são da nova humanidade ! ! .

S. Paulo.



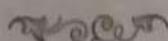
NO INTIMO

AO DR. MESQUITA BARROS

São horas de jantar: a indocil creançada,
Que tudo quer provar, emfim eis contentada.
A māi a cada um já deu o seu quinhão
E vae sentar-se, pois, cançada da missão:
« Não falta mais ninguem, exclama, estão servidos... »

Porem n'esse momento, alguem pelos vestidos
Puxou-a devagar. Erguendo-se outra vez
Novo prato ella faz, com toda a placidez,
E, apoz, dá sob a meza as carnes que tempera
A um pequenino cão que ancioso estava á espera...

S. Paulo.—1878.



CRUZADAS

A MANHÃES DE CAMPOS

I

Foi isto em éras mortas...

—De castello em castello ouvio-se um dia
 Um brado colossal :

—Era a Europa christan que enfim se erguia ;
Tremendo em sancto ardor transpunha as portas
 Da plaga oriental !

Cessaram as discordias e as contendas ;
Povos e reis, vassallos e monarchas,
 Tudo ergueu-se ao clangor...
Iam ter ao paiz dos patriarchas
Da Libya ardente percorrer as sendas,
 Salvar o Salvador.

Vogavam pelo ar fluidos ferozes ;
Transluzia febril furia insensata,
 No homem, na mulher :
E o monte, o valle, o campo, a brenha, a matta,
De um côro enorme reflectindo as vozes,
 Diziam: *Deus o quer !*...

« Traz'me as riquezas dos palacios mouros »
Suspirava a donzella lacrimante

Ao brioso donzel :

— Elle ao peito apertava a linda amante,
Beijava a furto os seus cabellos louros,
Fustigava o corcel.

Num mar de brilho esplende o escudo, a lança;
Os fogosos corceis o solo escarvam,
Sangrento assoma o sol :

— Movem-se os turbilhões que além levavam,
Por arma o entusiasmo e uma esperança
Por unico pharol.

« Filho onde vaes? — Bem longe, á Palestina...
— Abandonas o lar? — Vou da heresia

Livrar Jerusalem...

— E' penosa a jornada? Deus nos guia...

— Quem nos hade amparar? — Crença divina...
— E as mãis iam tambem.

Prosegue a multidão! E' tudo ameno...
Sorri-lhe o fanatismo que fervente,

No principio a conduz;

O fim é nobre: para a terra crente,
Vão transplantar do solo sarraceno

A arvore da cruz!

Mas, desgraça cruel! Breve, ao cançasso
Mal podem resistir os mais robustos

Que vacillam no pó:

Em bandos fulvos areiaes adustos,
Envolvem todos n'um febril abraço

Que os soffoca sem dô...

Eis a fome e os phantasmas dos receios...
E os agudos punhaes que elles manejam
Rasgando os seios vão:
Ao fulgor dos coriscos que lampejam,
Tambem com seus punhaes rasgando os seios
Da espessa escuridão.

« Tenho sede, soluça o exhausto infante—
—Não ha orvalho ou fonte, a māi murmura,
Mas lagrimas te dou...
E debalde chorar a māi procura:
De sol de fogo o raio coruscante
Té os prantos seccou!..

Catastrophe fatal! os mussulmanos
Nem poude a immensa turba na batalha
Peito a peito encontrar:
Envolta das areias na mortalha,
Do deserto nos vastos oceanos
Tombou sem pelejar.

Era o seu fim tomar a mãos armadas,
Os filhos do deserto exterminando,
Do Christo o mausoléo,
Mas o deserto ergueu-se e os abarcando,
« Temerarios, bradou, vossas ossadas
Seráõ o meu trophéo!! »

II

Cruzados do moderno Vaticano,
De nós a quem chamais filhos do erro
Jesus tirar quereis:
Cuidado! que bem pôde em vosso enterro
Tornar-se a empreza de furor insano
Que contra nós moveis...»

Em nossa consciencia elle responsa,
Recebendo nas aras do respeito
Convencida oblação:
Procuramos seguir-lhe o sño preceito
E gravados achamos-lhe na louza
Os dogmas da razão.

Vinde! deserto immenso nos separa;
Vós em furia almejais morte, exterminio
De todos... todos nós;
Protege-nos, porem, o raciocinio
Que irá como as areias do Sahara
Envolver-vos atroz.

Vinde, armados da vossa intolerancia,
Que a critica fatal, rija, invencivel
Ha de logo se erguer:
Vos abarcando n'um enlace horrivel,
Aos sopros da razão, tanta arrogancia
No abysmo ha de abater.

Quereis um Christo altivo e sem clemencia,
Torvo, sombrio, a contemplar do inferno
O horrido estertor;
Nós, os máus, o queremos doce, terno,
Tendo por throno a humana consciencia,
Pregando a paz e o amor!!

S. Paulo.—1876.

NO JOGO

A AVELINO PINHO

A um canto do salão jogavamos um dia,
De todo a sós:
De quando em vez somente um threno bom se ouvia:
A tua vóz.

O jogo era o xadrez e nunca em minha vida
Joguei tão mal:
—Sem esforço nenhum ganhavas a partida
E era a final.

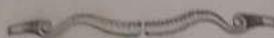
Mas subito sorri e após « xaque á rainha »
Ledo bradei;
Julgaste algum gracejo aquella phrase minha:
Audaz te olhei.

« Como pensa em ganhar, disseste ingenuamente,
Se vae perder »
—Mais ardente fitei-te e respondi sómente,
« Como vae ver,...

Vooù o taboleiro e n'um abraço à espera
Ea te cingi:
—A' rainha do jogo o xaque meu não era
Porem a ti.

.....
E ganhei... Mas, se agora um jogo de tal sorte
Quero outra vez,
Dizes: «não; o senhor é muito... muito forte...
No seu xadrez!...»

S. Paulo.—1877.



NA QUARESMA

A OLIVEIRA BRAGA JUNIOR

I

« Estamos na quaresma... Urge, portanto,
Que, irmãos, vos confesseis :
Quem foge á confissão peccata, porquanto
Da egreja offende as leis. »

II

O vigario, domingo, assim fallava
Na predica usual ;
E a turba dos beatos o escutava
Com ar sentimental.

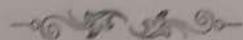
Ouvindo aquella phrase, a ti, menina,
Que oravas com fervor,
Cheguei-me e murmurei :—« pomba divina
Tu és o meu amor »

« Que peccado ! .. exclamaste, e, malfaseja,
Prostrou-te a commoção :
Mas, baixo, eu repeti :

III

« Offende a egreja
Quem foge á confissão! »

S. Paulo,—1878.



Os Successores de Meneláu

A VALENTIM MAGALHÃES

I

Na carta perfumada
Havia maciezas de setim;
A letra era de moça, delicada,
E terminava assim:

« Vem, meu amor... Espero-te sem falta
Das dez ás dez e meia, attende bem:
Já da paixão o ardor me sobresalta
Oh! vem, meu anjo, vem...
Meu hirsuto marido, velho intonso,
Já, burguez, dorme então... Ninguém nos vê...
Accede aos meus desejos
Não faltes, meu Affonso,
E acceita trinta beijos
Da tua amada — G. »

II

Fui... a noite era negra e eu vi fulgores...
— Mas, oh! quantos rubores

Vou com estas palavras despertar
Peço perdão a Vossas Excellencias
E emprego reticencias
Embora a meu pezar.

.....

Se o *veni, vidi, vici*
Do general romano
Teye algum dia cabimento ufano
Foi... vejam lá pelo que acima eu disse!!.

III

Abrevio, porem: no mesmo dia,
Cuja lembrança faz com que eu palpite,
Recebi um convite
Para uma festa que de noite havia:
Deitei luva de cor, casaca preta
E apresentei-me, cheio de alegria
A' hora de etiqueta.

Ao entrar, um burguez meu velho amigo
Veio fallar-me e me levou comsigo
Para mostrar-me, a mim, o amigo seu,
A'quella que bem pouco então havia
Com mil venturas candida o prendia
Nos laços do hymneo.

Era, em verdade, um sonho de belleza
Mas, horrida surpreza!
—Reconheci na moça a mesma que
Em horas de incerteza,
Na minha carta se assignara G.

.....

IV

Olhou-me indiferente,
Sem pejo nem assombro,
Qual se nunca o meu rosto visto houvera...
Entretanto o bom burguez, todo contente,
Batendo-me no hombro,
Dizia-me: « o que espera
Que não saída o estrella
Da qual eu sou o afortunado esposo ?

Então curvei-me sem temor ao vel-a,
Dizendo respeitoso :

V

Tive um prazer extremo ao conhecê-la.

Côrte,—1877.

A FILHA DA PAZ

A ASSIS BRAZIL

I

Foi um dia de festa em todo o povoado
Quando voltou, enfim, invalido o soldado
Que, tres annos havia, abandonando o lar,
Partira para a guerra afim de se alistar
Nos batalhões hostis que, em triplice aliança,
Batiam de Solano a intrepida pujança.
O sino repicava. Innumeros rojões
Propagavam no espaço o som das orações.
No povo havia febre. As lojas se fechavam :
Nas janellas o lenço as moças agitavam ;
As ruas percorria a banda marcial
Tocando entusiasmada o hymno nacional ;
Mil vivas dava a turba a Ozorio, o legendario,
E, em delirio, acclamava o heroico voluntario
Cujo regresso á villa, enchia-a de altivez.

Só elle estava triste e mesmo contrafez
O bronzeado rosto, ao vêr, findado o rumo,
Erguer-se, inda em distancia, enovelado o fumo
Do seu humilde albergue onde, entretanto, a sós,
Esperava-o a māi, de ha muito, em ancia atróz.

Caminhou com o passo um tanto lento e, quando,
Entre os vivas febris que o iam festejando,
Poude á velha beijar a encarquilhada mão,
Se alguém lhe examinasse, ao perto, a commoção,
Havia de notar-lhe alguma cousa estranha,
Um pezar, uma dor que subito se assanha,
Uma agonia vaga, uma afflição qualquer.

Na casa não mudara uma feição siquer ;
Achava tudo o mesmo : o tamborete manco,
A meza carunchosa, ao lado o antigo banco,
Na parede um registro, um baço espelho ao pé,
Na cozinha a lareira a fumegar e até
Ao longe, no quintal, pela entre-aberta porta,
D'entre a vegetação vivissima da horta,
Que lacerava a terra em impetos brutaes,
Mollemente espojando os pellos sensuaes,
—Um velho gato amigo, em indistinto anceio,
Como que a se lembrar, desconfiado a meio,
Cravando-lhe indeciso o pardo olhar subtil.

Recordações crueis lhe vinham vindo ás mil...

Revia toda a paz de uma existencia calma
Depois de haver, além, convulsionado a alma,
Vivendo com a morte ao lado. De tropel
Surgiam-lhe as visões saudosas do quartel.
Era uma anthithese atroz!... Não mais socego amigo!...
Amava as commoções, gostava do perigo,
Dos rufos do tambor, dos toques do clarim,
Das marchas, dos canhões, do acampamento enfim,
E, agora, a vida quieta, apathica, fagueira,
Não lhe quadrando mais á ideia aventureira.
Matava-lhe a ambição, ia apagar-lhe a luz,
Pegal-o moço e forte em uma ignota cruz,
Mostrando-lhe o caminho austero da desgraça...

Por Isso, junto á māi, em attitnde lassa,
Distrahibo, a scismar, ouvia com desdens,
Os rudes aldeões em cujos parabens,
Via intēiro o rigôr da atroz realidade.
Voltara grande, illustre e celebre, é verdade,
Para o torrão natal que nelle via o heroe
Que não tinha no mundo um só rival. Mas, dôe
Ter assim de trocar esplendidos futuros
Pela inereia fatal dos pantanos escuros!

E, pois, ferviam nelle angustias infernaes
Em quanto ao povo o ardor subia mais e mais.

II

Quando, da festa exticta ao derradeiro alento,
Vio-se o soldado a sós, n'um sordido aposento,
De cujo aspecto honrado a calma e a mansidão,
Realçavam de em torno a intēira solidão,
Sentio-se mal e logo uma tristeza immensa
Fez-lhe n'alma o seu ninho horripilante.

Densa,

Como as trévas de alem, sentio no imaginar
De nuvens sepulchraes a noite se formar
Da qual cahiam já desanimos complétos...

Não mais da lucta o fogo e os turbilhões dilectos,
Mas o soeego vil de um existir boçal,
Sem alma, sem accão, estupido, banal,
Relecto de afflícções, monotonio, sem gloria,
Equal ao do burguez em cuja parva historia,
Só palpita a ambição do phisico prazer,
Que horrendo despenhar!... Melhor fôra morrer,

No campo de batalha, à sombra do estandarte,
Quando, já do inimigo em terra o baluarte,
Sua altiva a trombeta, em retumbantes sons,
Nas almas a entoar da glória os fluidos bons ;
Quando a morte nos abre os porticos da fama,
Por nós no templo atola immorredoura chamma
E o brado de triunpho o ultimo estertor.

Mas qual ! tinha de ser de novo o lavrador
Que, a terra má pedindo o pão quotidiano,
Gastasse a força e a vida em trabalhar insano,
Vivendo à lei da sorte exanime e servil...

Passa depressa a fama e no invejoso ardil
Da intriga e da calunnia em breve cahiria !...

Quanta vez da miseria à gargalhada fria,
Choraria o infeliz e, invalido, talvez,
Quem sabe si mais tarde, em improbo revez,
Nas ruas se arrastando, immundo, deleterio,
Teria de invocar da compaixão o imperio
Para que alguém lhe desse um negro pão ? !.

Oh ! sim !

Era feita de tréva a senda em cujo fim,
Aquelle que, de perto, a glória havia olhado,
Depois de tanta luz e tanto alvôr sonhado,
Depois de haver subido ao pincar em que o sol
Nos espelha no olhar olympico arrebol,
Com purpura brillante e esplendida coroa,
Tinha de andar ahi, como uma consa atoa,
Morrendo, como um cão, na enxerga do hospital !!

III

Elle cedia, pois, á commoção fatal !

Vendo em terra, desfeito, o imaginado throno,
No leito a revolver-se, em ancia atroz, sem somno,
Ergueu-se e foi buscar a um canto a espada audaz
E abraçou-a, tal como a velho amigo...

Mas,

No movimento brusco, a lamina cortante,
Caindo-lhe a bainha, o peito nú do amante
Fundo ferio sem dó...

—Tristissima expressão

Ao rosto lhe assomou : arremessou-a ao chão,
Relecto do amargor de acerbo desencanto...
Pela face rolou-lhe então em fio o pranto
Vendo como se achava inteiramente só,
Pois a crença final tornara-se-lhe em pó.

—Pois que ! só lhe restava aquella companheira
Do buliçoso ardor d'uma existencia inteira ;
Com ella tinha estado em afficções crueis :
Ella ahi lhe sentira as pulsações fieis
D'um coração affeito aos bellicos transportes
Que, sorrindo, affrontara o gladio de mil mortes,
Mostrando em toda parte indomito valôr,
Reservando-lhe sempre um respeitoso amôr,
—E agóra que, infeliz, elle ia ter a ella
Para, amigo, implorar-lhe um balsamo á procella,
Que perto vinha já, a ingrata, sem ouvir,
Aquella immensa dôr, sem pena de o ferir,

Quando elle ia abraçal-a, incanto, em conflanga,
Não buscava atejar-lhe o lume da esperança
Mas, covarde homicida, o assassinava...

Horror !!

IV

Mais tervo então rugio-lhe o pelago traidor...

Meu Deus, dizia o triste, é negro o meu fadario ;
Sem rumo, sem pharol, exangue, solitario,
Quem me entenda senhôr, não vejo mais ningnem...
Quem o passo me ampare, ó ceos, quem tenho ? quem ?
Que amigo mais sorri-me e que affeição me resta
N'este convulso mar ? !... »

N'isto, por uma fresta

Entrou no quarto o alvor tranquillo da manhã ;
E, a luz delle, o soldado, ouvindo ao longe o affan
Do despertar de um nucleo activo de trabalho,
Vio a um canto, isolada, humilde como a um ralho
Um doce e ingenuo amigo, e, supplice a brilhar,
Na muda indagação de imploradôr olhar,
N'uma postura triste,— immovel, atirada,
Uma affeição de outróra : a sua velha enxada !

S. Paulo. — 1879.

— *frag* —

PONTO FINAL

AOS MEUS AMIGOS

I

Eu já tive nas mãos os bandolins antigos,
Vibrando os froixos sons romanticos dos bardos,
Mas hoje, ó meos amigos,
A lyra que me agrada
Allia ao resplendor cortante de uma espada
As finas vibrações aligeras dos dardos.

Não mais nos versos meus a imagem das amantes...
—Ninguem se curva, em lucta, ás tentações do amor
E eu sinto um novo arrojo em estos flammejantes...
—Adens, visões de outr'ora...— A' liça, luctador!!...

II

Eu quero ter agora estrophes explosivas,
Quero ruir no pó os velhos edificios,
E quero contra os reis, e os arraigados viejos,
Uns impetos fataes de estranhas tentativas.

Em quanto não puder metreficiar crateras,
Em quanto não rimar as lavas e os vulcões,
Em quanto não buscar nos musculos das feras
O elasticó vigor de homericas canções;

Em quanto não puder robustecer a lyra,
Carregando a expressão com polvora de phrases;
Tornando-lhe, de prompto, as ruinas de Palmyra
Num fóco de tufões vulcanicos e andazes;

—Vós me vereis passar acabrunhado e mudo,
Fitando torvo o céo que o meu rancor impréca;

—Não me turbeis então... Eu, concentrado, estudo
Como um dia soltar, ovantemente, o *curéka*.

E se acaso chegar do desencanto ás bordas,
Só colhendo os desdens da sociedade futil,
O' lyra, ouve-me bem: quebrar-te-hei as cordas,
Frio, como quem parte impuro vaso inutil.

E sabeis porque assim raivoso eu me concentro?
Porque não mais attendo ao lyrico reclamo:

—Paixão voraz, ó céos! arrebentou-me dentro
E eu amo, eu amo, eu amo!!!

III

IV

Adoro uma visão de magestade augusta,
Cuja voz de heroína aos soes da fama incita...

—O fecundo calor dos tropicos lhe agita
O seio alentador de geração robusta.

E tanto o seu poder que, de sublime, assusta...
No cráneo seo de Lelia a fortaleza habita
E a devisa da cruz alem flammeja escripta,
No emblema que, no espaço, o astro-rei lhe incrusta.

Para ajuntar-lhe assim constelações de encantos,
O assombro e a maravilha, em desvarios sanctos,
Ligaram-se no sol... Quem, pois, não idolatre-a?...

Metropole ideal de inspirações supremas,
—Sonho a gloria de os pés ungir-te com poemas,
O' tu que és minha mãe e minha amante, O' PÁTRIA!!

S. Paulo,—Maio—1879.

87

LEIA-SE

QUADRO BIBLICO (pag. 13)

Alfredo de Vigny tem uma poesia cujo assumpto é extraído dos mesmos textos bíblicos que a minha. Diferem elas na interpretação do pensamento geral e no respectivo desenlace. Reléva observar que só li a composição alludida, depois de haver publicado em diversos periodicos o meu *Quadro Bíblico*.

QUADRO BIBLICO (pag. 32).

Dedicando esta producção a Eduardo Figueira de Aguiar, procurei saldar uma dívida de amizade e de gratidão. Eduardo Figueira de Aguiar é um nome pouco citado na literatura academica. Representa, no entanto, uma individualidade que, a dar leis o mérito, deveria ocupar, na vanguarda, os postos de mais honraria.

Perde-o, porém, a excessiva modestia, que, aliada a uma inteligencia superior e a um carácter de independencia inamolgavel, constituem-lhe um dos espiritos mais merecedores de estima que eu conheço.

Já dei a lume este quadro, n'um volume de versos publicado ha dois annos. Como corrigi-o, refundindo-o, entendi não haver inconveniente em reimprimi-lo aqui.

SCENA VULGAR (pag. 23).

Eça de Queiroz, no seu famoso *Primo Bazílio*, tem no fim do primeiro capítulo, uma cena que se assemelha algum tanto a que procurei descrever nesta composição. Com toda a razão, poder-se-hia afirmar ter-me eu inspirado lá, se as datas não se opuzessem á imputação.

POEMA DE TODOS NÓS—TRIBUTO ETERNO
(pgs. 51 e 59).

Estes versos podem parecer contradictórios com o que eu disse no prologo. Resalva a incoherencia o espírito geral, a ideia capital de ambas as peças. Appello para a attenção do leitor.



INDICE

	Dedicatoria	3
	Ao leitor	5
I	A Flanta	7
II	Quadro biblico.	13
III	Esboço	15
IV	Noivado.	19
V	Scena vulgar	23
VI	Quadro biblico	24
VII	Esmola dos mortos	29
VIII	Dôr infantil	31
IX	Quadro biblico	33
X	Em familia.	35
XI	A terra dos vulcões.	37
XII	A felicidade	41
XIII	Quadro bíblico	43
XIV	Lenda de aldeia	45
XV	Nocturno	47
XVI	Lenda do claustro	49
XVII	Poema de todos nós.	51
XVIII	A joia	55

XIX	Na fazenda	77
XX	Tributo eterno	78
XXI	A officina	79
XXII	No intimo	80
XXIII	Cruzadas	81
XXIV	No jogo.	82
XXV	Na quaresma	71
XXVI	Os successores de Meneláu	73
XXVII	A filha da paz	75
XXVIII	Ponto final.	79
	Leia-se	85
		89

